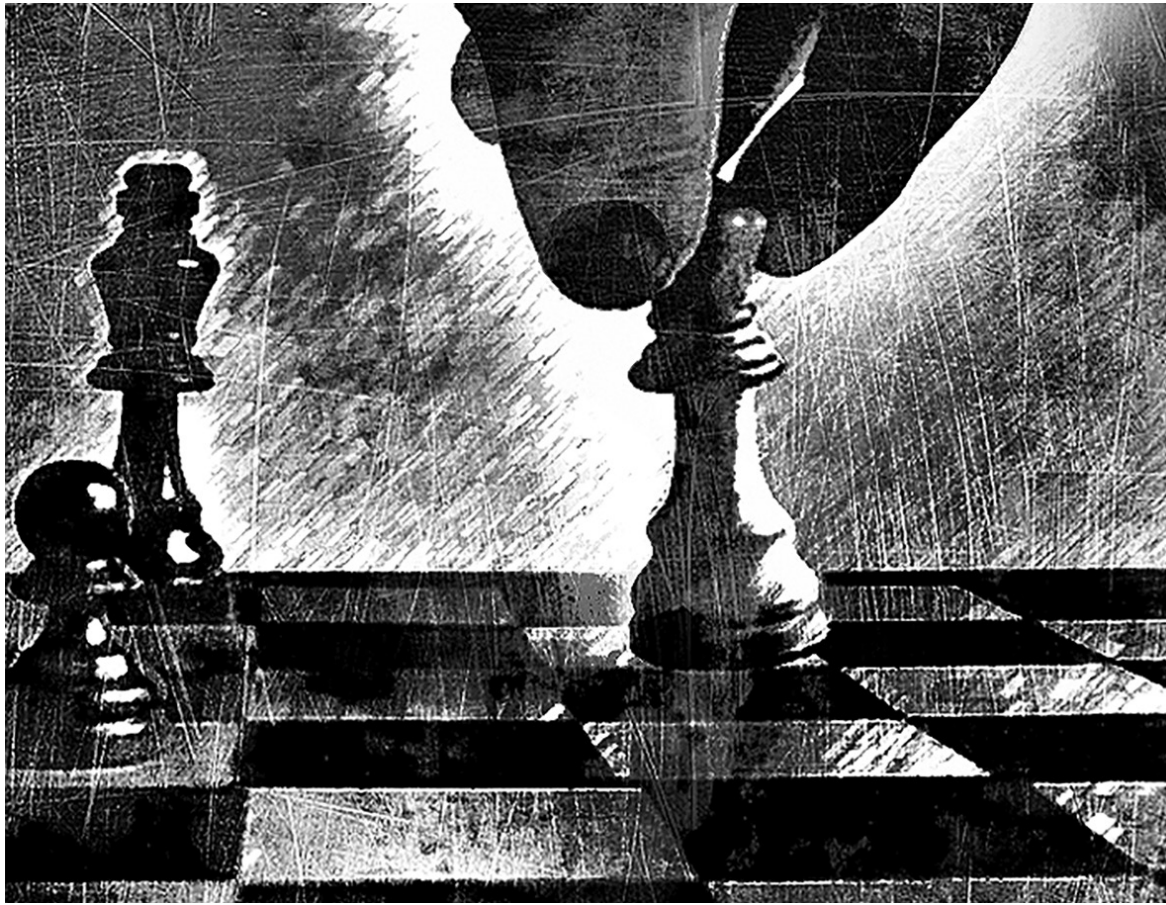


Aprendendo a jogar



» ORLANDO THOMÉ CORDEIRO
Consultor em estratégia

“Vivendo e aprendendo a jogar
Vivendo e aprendendo a jogar
Nem sempre ganhando
Nem sempre perdendo
Mas aprendendo a jogar”

Esses são os primeiros versos de *Aprendendo a jogar*, música especialmente criada por Guilherme Arantes para Elis Regina em 1980 e que se tornou um sucesso na voz dessa cantora excepcional.

Recorro a essa obra para falar de um fato que mexeu fortemente com o mundo político: o evento de filiação de Sergio Moro ao Podemos na semana passada, que acabou se transformando num ato de lançamento de sua pré-candidatura à Presidência.

Ao contrário do que se esperava, em seu discurso não se limitou a falar do combate à corrupção. Tratou com propriedade de questões econômicas, sociais, ambientais e de gestão pública. Enfatizou a necessidade de erradicação da pobreza, defendendo a combinação de programas de transferência de renda com acesso a educação e oportunidades de trabalho e propondo a criação de uma força-tarefa a ser formada por servidores e especialistas.

Também fez a firme defesa da liberdade de imprensa e acenou para os militares com a valorização das Forças Armadas como instituição de Estado. Assumiu o compromisso com o fim da reeleição e do foro privilegiado. E quando falou de corrupção, indiscutivelmente seu melhor figurino, procurou mostrar ser diferente de Bolsonaro e Lula, com o bordão “chega de mensalão, chega de petróleo,

chega de rachadinha”. Enfim, procurou se apresentar como alguém em condições para dirigir o país.

Como apontei em colunas anteriores, Moro sempre demonstrou potencial para ser um candidato competitivo, entre outras razões, pelo apelo que a luta contra a corrupção tem junto à parcela significativa do eleitorado. Afinal, não há outra razão para explicar que, mesmo após os constantes bombardeios oriundos da Vaza-Jato e da suspeição declarada pelo Supremo Tribunal Federal (STF), seu nome continuasse a mostrar uma grande resiliência em praticamente todas as pesquisas sobre eleições em 2022.

Respeitáveis analistas vinham divergindo dessa avaliação, duvidando, inclusive, de que ele se lançasse na disputa. Agora, mesmo reconhecendo o impacto do discurso do dia 10, apostam que servirá apenas para atrapalhar as demais pré-candidaturas da chamada terceira via. Não me parece ser essa a maior possibilidade.

O ex-juiz vem aumentando sua exposição pública, por meio de entrevistas para TV, rádio e jornais, reuniões com lideranças políticas e empresariais, além de incrementar sua presença nas redes sociais que já apresentam um crescimento relevante nas interações positivas.

Com isso, ouso afirmar que, nas próximas pesquisas, a tendência é de ele alcançar dois dígitos e se isolar no terceiro lugar, descolando-se de Ciro Gomes e ficando ainda mais distante do candidato escolhido nas prévias do PSDB.

Se ele conseguir se consolidar nessa posição nos próximos meses e, simultaneamente, Bolsonaro continuar a demonstrar uma maior fragilidade eleitoral, poderemos assistir a um movimento

de migração de parte expressiva de atuais apoiadores de Bolsonaro em sua direção. Refiro-me àquela parcela que vem declarando intenção de voto no presidente, ainda que esteja descontente com seu governo. Para esse grupo, caso não identifiquem uma opção melhor no campo conservador, é preferível reelegê-lo a ver Lula novamente no Planalto. Portanto, não deve causar estranheza as iniciativas que ele já vem tomando no sentido de trazer ex-apoiadores do presidente para seu lado.

Por outro lado, o ódio que os bolsonaristas radicais e os petistas têm do ex-ministro pode ajudá-lo na tentativa de se cacifar como o único pré-candidato capaz de representar genuinamente os 40% conhecidos como “nem=nem”. Ou seja, quanto mais ele se tornar alvo de ataques constantes de Bolsonaro e Lula, mais aumentam suas chances de crescimento.

Caso esse cenário se confirme, há uma enorme probabilidade de vermos dois movimentos: o primeiro, por volta de maio de 2022, seria a desistência de algumas pré-candidaturas da terceira via para se juntarem a Moro; e o segundo, mais próximo do primeiro turno, em que lideranças políticas de perfil conservador poderiam abandonar as candidaturas de seus respectivos partidos e migrar, por gravidade, para apoiar o ex-juiz. Afinal, a expectativa de poder exerce uma força de atração quase irresistível.

Por fim, é indiscutível que seus passos recentes, buscando o apoio de especialistas em diversas áreas, incluindo os serviços de fonoaudiologia, mostram que ele sabe a importância de viver e aprender a jogar. Vai vendo...

Construindo o futuro do trabalho

» JULIANA SCARPA

CEO da FRST (Falconi Road of Skills and Talent), que treinou mais de 20.000 profissionais em human skills ao longo de 2021

No feriado do 15 de novembro, a *Fortune* publicou reportagem sobre pesquisa feita em Austrália, França, Alemanha, Japão, Reino Unido e Estados Unidos abordando o fenômeno já batizado Great Resignation (pedido de demissão em massa, em tradução livre): 93% dos profissionais disseram querer mais flexibilidade de horário; 76%, flexibilidade de local de trabalho e, destes, 71% estão dispostos a buscar novo emprego em 2022.

Aqui no Brasil, no dia 17, a Falconi lançou enquete na popular rede profissional LinkedIn perguntando qual será o modelo a ser adotado pelas empresas após a aceleração digital trazida pela pandemia. Nas primeiras 12 horas, 70% apostavam no modelo híbrido, com 20% votando no remoto e apenas 10% na volta ao presencial.

O fato é que, com o ano acabando e 60% da população brasileira com vacinação completa contra a covid-19, muitos profissionais de RH e lideranças empresariais seguem às voltas com a pergunta sobre qual o melhor modelo de trabalho em 2022. Amostragem entre nossas mais de 300 empresas clientes, de todos os portes, leva-nos a crer que não há resposta única.

Se, em 2020, o trabalho remoto se tornou mandatório sempre que possível, 2021 termina em reticências. Há os que permanecem em modo remoto em definitivo ou indefinidamente, os que já estão ou planejam a volta ao regime presencial e ainda quem parta para modelos híbridos.

Quem defende o modo remoto lista vantagens como o fim do tempo gasto no trânsito

e a possibilidade de a empresa buscar talento em qualquer parte do país/mundo — assim como de os profissionais poderem trabalhar para empresas antes geograficamente inacessíveis. Quem defende a volta ao presencial sublinha a convivência diária como terreno fértil para ideias, troca de aprendizados e o fortalecimento da cultura da empresa, argumentando que, em modo presencial, é mais fácil reunir times multidisciplinares em situações inesperadas.

Ambos enfrentam desafios. O que fazer com as sedes corporativas se todos passarem a trabalhar remotamente em definitivo? Como disseminar os valores da empresa a distância? Como garantir engajamento e motivação sem o gestor perceber, “no olho”, a desconexão de um funcionário? Como se fazer lembrado, a distância? Isto afeta em caso de promoção? Como lidar novamente com longos períodos no trânsito? As interrogações são muitas.

Já o modelo híbrido busca o melhor dos dois lados. Mas até o conceito é objeto de dúvida. Híbrido é ter parte do time trabalhando remotamente e a outra, presencialmente? Ou é ter todos os funcionários alguns dias trabalhando remotamente e o restante do tempo na empresa? Ou seria ter o dia a dia remoto e, presenciais, apenas as grandes reuniões, treinamentos, o on-boarding?

Mas esta é só a ponta do iceberg que a pandemia parece ter empurrado para fora d’água. Há muito as relações de trabalho estão sob pressão — refletindo-se na capacidade das empresas de atrair e fidelizar talento. Do impacto

dos estilos de liderança a questões ligadas a inclusão, diversidade e paridade, a pauta é longa. E não afeta só as empresas e seus colaboradores. Companhias cujo ambiente tóxico veio a público sofreram, além da perda de talento, a de consumidores e valor de mercado.

O iceberg tem outro grande componente: lacunas de formação. No ano passado, o Fórum Econômico Mundial alertou no relatório “Future of Jobs” que metade dos profissionais precisará de requalificação até 2025, com a “vida útil” de muitas habilidades técnicas caindo para cinco anos. Além das técnicas, o mundo corporativo acusa, da base ao topo, déficit nas chamadas human skills — ligadas à comunicação, à gestão e à relação entre diferentes talentos de uma empresa, bem como à capacidade de resolver problemas, de inovar e liderar times.

Em meio a tantas questões, uma palavra antes na esfera das relações pessoais adentrou salas de reunião, o chão das fábricas e corredores das pequenas a grandes empresas: felicidade. Esta parece ser a grande ambição, que já vinha sendo sinalizada pela nova geração. Sua busca — assim como as diversas oportunidades trazidas por novos modelos de negócio e tecnologia — está de mãos dadas com escolhas e possibilidades antes inexistentes. Do CEO ao estagiário, dos acionistas aos board members, todos deverão olhar para o futuro ao desenhar as soluções para o agora.

Preparados para construir o futuro do trabalho?

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Refazendo covid

Caso se confirme o que vêm prevendo as autoridades sanitárias em todo o mundo, a aplicação de uma terceira dose das vacinas contra a covid e, quiçá, a quarta ou infinitas outras serão necessárias para enfrentar essa que é a maior das epidemias já enfrentadas pela humanidade desde que nossos primos, de um elo perdido e distante, resolveram descer das árvores.

Ou as autoridades e cientistas ligados à Organização Mundial de Saúde (OMS) sabem de algum fato relevante e vital que o restante da população do planeta não conhece, ou estamos diante de uma versão revivida da Hidra de Lerna de sete cabeças que, por séculos, cuidou de atormentar, adoecendo e matando parte da população do Peloponeso.

Talvez a situação seja ainda mais sinistra, com as autoridades sanitárias e os cientistas tendo que reconhecer que estamos perambulando no escuro, tateando nas paredes de uma caverna, em busca de uma saída. De toda forma, o que temos de concreto é que países europeus, nessa chegada de mais um inverno, estão experimentando uma terceira e forte onda de contaminação, com hospitais lotados e mortes acontecendo. Com isso, novas medidas restritivas de circulação estão sendo adotadas, numa reprise do que já vimos.

Dentre as muitas questões que surgem dessa retomada da doença, estão aquelas relativas aos custos e aos gastos que países em desenvolvimento e subdesenvolvidos terão que arcar ainda, junto aos laboratórios, para enfrentar a nova onda de virótica em contrapartida com o lucro de instituições e empresas que não abrem mão da ganância. Não se sabe, com exatidão, o que pode estar por detrás dessa retomada pandêmica quando se verifica, como é o nosso caso, os muitos pontos obscuros que envolveram a aquisição desses imunizantes.

As consequências práticas da CPI do Covid ainda não se transformaram em atos materiais. Não se sabe de nenhuma diligência por parte da justiça contra aqueles que fizeram da miséria alheia uma criptomoeda lucrativa. Mesmo com a possibilidade real de uma volta acentuada das infecções, como ocorre agora lá fora, o tempo decorrido desde que o relatório final foi apresentado continua avançando e levando para o esquecimento o resultado de meses de investigação que resultaram num calhamaço de denúncias sérias.

Nem bem saímos de uma primeira e segunda ondas e já estamos experienciando a possibilidade de uma terceira rumo ao carnaval. O que pode acontecer, daqui para frente, é sermos apanhados em plena terceira onda, da mesma forma que fomos surpreendidos por uma primeira.

Por certo, a proximidade das eleições, com a consequente corrida dos políticos aos cargos, não parece condizer com os projetos pessoais e a ganância dessa gente. Nada nem ninguém deve se interpor entre esses anseios desmedidos, nem mesmo a recidiva da virose. O que se sabe, com toda certeza, é que, se a doença voltar com força, serão os pobres e desvalidos aqueles mesmo ludibriados pelas elites políticas, os primeiros a perecerem.

Como na Primeira Guerra Mundial (1914-18), os soldados situados nas trincheiras avançadas eram os primeiros a morrer, sendo seus abrigos, nas valas cavadas sob a terra, suas sepulturas definitivas.

» A frase que foi pronunciada

“Nesta conjuntura histórica, é importante que nós, na Ásia-Pacífico, enfrentemos a responsabilidade do momento, estejamos no assento do motorista e nos esforcemos arduamente para cumprir a meta de construir uma região da APEC com um futuro compartilhado.”

Xi Jinping

Demais

Preços altos e falta de concorrência são realidade para os passageiros aéreos do Brasil. Além disso, a alimentação durante o voo está praticamente banida por algumas empresas, a não ser se for paga. Mas o maior absurdo é pagar pelo assento. Como não há reclamações, esses abusos são mantidos.

AutoriaDad

Maravilhas de Brasília, a capital dos brasileiros. Obra de Dad Squarisi publicada pela Editora Contexto já nas prateleiras das livrarias. Uma das poucas pessoas que destrincham a palavra Candango, que nasceu pejorativa e conseguiu se livrar da pecha, dando nome a todos os que deixaram a vida para trás para fazer um futuro na nova capital do Brasil. Candango é palavra boa quando vem de Brasília. Dad explica.

» História de Brasília

A Prefeitura fez as calçadas, fez os jardins, e as crianças da Quadra 13, principalmente do conjunto Ecel, não estão com educação suficiente para desfrutá-los. Passeiam de bicicleta pelas calçadas, e não muito raro, sobre os jardins. Esta é uma recomendação aos pais, para que não permitam. (Publicada em 14/02/1962)